



Um sonho de dois e dois sonhos de um: compulsão, repetição e elaboração. Uma comunicação que não pôde ser realizada há mais de vinte anos por razões éticas atualmente desaparecidas*

*Luis Rascovsky***, Buenos Aires

Há um pouco mais de tempo do que o indicado acima, foi-me encaminhado um paciente para tratamento. Era um homem jovem, de inteligência brilhante, raciocínio rápido, eloquente, com um grande senso de humor, com uma atividade pouco usual e colocada a serviço de uma indústria na qual não apenas se destacou pela importância econômica da mesma, mas também pelos estudos detalhados que, para seu melhor desenvolvimento, realizava permanentemente. Este conjunto de circunstâncias criou em mim um franco desejo de colaborar para a solução de seus problemas, ou seja, uma contratransferência positiva. Eu percebia, por outro lado, que ele havia desenvolvido os mesmos sentimentos em relação a mim.

O título deste breve trabalho pretende destacar que um sonho no seu conteúdo manifesto e latente foi sonhado por duas pessoas, o paciente e eu como terapeuta, na noite após uma sessão um tanto agitada. Também o chamo de dois sonhos de um por ter a absoluta convicção de que ambos foram resultado do *processo* analítico que estava ocorrendo nesse momento.

* *Un sueño de dos y dos sueños de uno, compulsión, repetición y elaboración; una comunicación que no pudo ser realizada hace más de veinte años por razones éticas actualmente desaparecidas*, foi originalmente publicado na *Revista de Psicoanálisis da APA*, Tomo XXXIII, n. 1, 1976, p. 193-195.

** Médico, Psicanalista (formado na Asociación Psicoanalítica Argentina). Foi um dos primeiros analistas didatas e um dos fundadores da APA.



Não vou me estender muito; pelo contrário, pecarei mais por ser breve, mas me impressionou fortemente o poder criativo do inconsciente. Guardadas as devidas proporções, assemelhava-se ao ocorrido com Kekulé, que encontrou no célebre sonho da cobra mordendo sua própria cauda uma solução que trouxe um valiosíssimo aporte para a ciência. O meu, apenas a solução de um sintoma patológico de meu doente.

Este sintoma apresentava-se intermitentemente como reação a alguma pequena frustração, tanto na sua atividade industrial quanto nas suas tentativas de vida amorosa. Consistia em procurar compulsivamente uma prostituta, com quem se fazia acompanhar a míseros hotéis onde, em vez de uma relação genital, obrigava a mulher a masturbá-lo ainda vestido, com pouca ou nenhuma preocupação com sua *partenaire*, mas a quem pagava com grande desprendimento.

Isto havia sido interpretado, reiteradamente, como a repetição de uma situação infantil na qual um adolescente, já mais velho, costumava procurá-lo.¹ Uma que outra interpretação das mudanças de papéis conseqüentemente, embora atenuasse o sintoma, este costumava reaparecer, apesar de mostrar-lhe que isso poderia ocorrer em relação com a transferência, mutuamente frustrada.

Numa quarta-feira chegou à sessão muito incomodado, pois nesse mesmo dia, antes de vir, havia saído do seu escritório compulsivamente à procura de uma prostituta para repetir o sintoma que, embora lhe proporcionasse um certo prazer, lhe era também extremamente penoso. Seguiu-se uma ladainha de queixas sobre o tratamento e minha capacidade como terapeuta. Respeitei silenciosamente seus protestos, mais por desorientação do que *ex profeso*. Levantou-se minutos antes do final da hora com a atitude desafiadora de tornar a procurar outra prostituta.

Fiquei entristecido por toda a situação e na mesma noite tive um sonho. Sonhava que oficiava como sacerdote e estava recebendo as confissões de vários fiéis até que, de repente, surgia entre eles o paciente de que estamos tratando, que começava a protestar porque nem suas confissões, nem minhas respostas, castigos ou alívios serviam para nada; acrescentava que seria melhor procurar um novo confessor. Afastava-se e eu ficava pensando as seguintes palavras: “Aqui falta algo, aqui falta algo e eu sei o que falta e já não poderei levá-lo ao conhecimento de X porque, certamente, ele irá embora e me substituirá com as prostitutas”. Ao acordar, o sonho se fez claro para mim. Eu não havia insistido suficientemente no jogo de mudanças de papéis no qual ele não apenas repetia para lembrar, mas também para retificar seu papel passivo de ser a prostituta paga por aquele

¹ Falta um trecho, passagem incompleta no original.



Um sonho de dois e dois sonhos de um: compulsão, repetição e elaboração. Uma comunicação ...

adolescente e se transformar no poderoso capaz de reverter a situação, embora apenas parcialmente.

Qual não foi o meu assombro quando, no dia seguinte à sessão que acabo de comentar e do sonho dessa mesma noite, meu paciente chega pontualmente e inicia com o relato do seguinte sonho: tinha ido à igreja fazer sua confissão e, ao aproximar-se do confessor e relatar o sintoma compulsivo, lhe expõe uma série de versões em relação às quais, embora tanto ele quanto o confessor estivessem de acordo, fica repentinamente furioso e exclama: “Mas não está vendo que isto só me alivia temporariamente? Aqui está faltando algo”, e repete reiteradamente o “aqui falta algo” como acontecia em meu próprio sonho. “Você tem a obrigação de encontrá-lo, se não você é um sacerdote de m...”. Levanta-se e vai embora. Enquanto eu escutava o relato do seu sonho, lembrava-me do meu. Era um sonho sonhado por duas pessoas que mantinham um estreito vínculo transferencial e contratransferencial a ponto de quebrar-se. É possível afirmar que esse sonho de dois foi a resultante de dois sonhos de um, que representava o processo analítico que estava se desenvolvendo com todas suas vicissitudes.

O inconsciente de ambos havia mordido bem a cauda da cobra, e à compulsão somava-se a repetição com uma finalidade não somente repetitiva, mas também de retificação, que deu origem a um rápido processo de elaboração.

Peço aos leitores desculpas por este breve relato que me pareceu interessante devido aos dois sonhos concomitantes e que tenham a indulgência de pensar que, aos 78 anos e afetado por uma séria enfermidade, rememore os dias mais belos e interessantes de nossa ingrata profissão de psicanalistas. □

Recebido em 02/04/2012
Aprovado em 02/05/2012

Tradução de **Beatriz Affonso Neves**
Revisão técnica de **Rosane Schermann Poziomczyk**

Luis Rascovsky
* 1904 + 1990

© 1976 *Revista de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina* – APA
Versão em português *Revista de Psicanálise* – SPPA